

Os dez males da saúde no Brasil

São Paulo (ANDA) - Apesar de reconhecer a desinformação que o próprio Ministério da Saúde, tem em relação ao que acontece em sua área o ministro Almeida Machado diagnosticou os dez problemas brasileiros do setor: ausência de uma consciência sanitária, desinformação em todos os níveis, polarização social e cultural da medicina, saneamento básico, urbanização desordenada, colonização de áreas pioneiras, desnutrição, má distribuição de recursos, carência de estruturas médico-sanitárias, e a crise mundial de medicina. A exploração foi feita sábado à classe médica, no Hospital "Albert Einstein".

Para suprir a falta de dados apontada, o ministro garantiu que estão sendo tomadas iniciativas para incrementar estudos que possam fornecer um levantamento estatístico e uma divulgação mais eficiente, usando para isso o Departamento de Comunicação Social, que seria incumbido de elaborar boletins em linguagem jornalística.

O problema da polarização social e cultural na medicina esbarra em muitas dificuldades práticas, pois, segundo o ministro, em várias localidades do interior não há nem farmácias onde o doente possa comprar os remédios receitados. Como programa alternativo ao simples deslocamento de médicos para o interior, Almeida Machado informou sobre uma experiência em que o médico ficaria seis meses em uma região para diagnosticar suas necessidades para um posterior atendimento. Esse plano, entretanto, custa muito dinheiro e só pode ser aplicado a longo prazo.

O saneamento básico é responsável por uma série de doenças que afetam o Brasil, afirmou o ministro. Entre elas está a presença dos "barbeiros que infestam grande parte das habitações tanto rurais como urbanas e pelas galerias, de ratos sob os pisos de terra batida. Se a preocupação com a poluição do ar é um fato louvável, disse ainda o ministro a poluição na água e solo através de fezes, ainda é uma das causas principais da parasitose.

Antigamente 60 % da população vivia na zona rural, mas, hoje, a situação inverteu e com a falta de preparação para essa mudança, a urbanização foi feita de maneira desordenada, acarretando uma concentração de pessoas sem condições de entendê-las de forma adequada.

Almeida Machado considera impossível a realização de uma medicina preventiva nas áreas de colonização mas acredita que o problema não reside nos órgãos do governo mas principalmente nos colonos aventureiros que só aparecem quando há surtos de doenças como malária e meningite, já que não é possível determinar com certeza a área em que vivem.

A desnutrição só pode ser combatida com alimentos, disse o ministro, de acordo com a mesma opinião já emitida anteriormente pelo secretário da saúde, Walter Leser. Almeida Machado mostrou - se indignado com o absurdo que presenciou no Nordeste, onde produtores jogavam leite no rio, enquanto as autoridades sanitárias distribuíam leite em pó às crianças. No seu entender, outro grave entrave à montagem de uma estrutura ao problema de saúde no Brasil é a má distribuição dos recursos, dotando determinadas áreas com muitos hospitais e deixando outras abandonadas.

"Nossa estrutura esta montada para atender os problemas de 1930" - disse o Ministro, referindo - se à estrutura médico-sanitária. Somente em São Paulo existem 80 mil estabelecimentos que vendem produtos alimentícios, tornando muito difícil o trabalho de fiscalização. As equipes trabalham na base do heroísmo e do idealismo, e não em termos profissionais. Para essa situação colaboram os salários deficientes oferecidos desde o Ministério até os órgãos municipais.

Como a parte de fiscalização está muito atrasada, as medidas têm sido tomadas junto aos produtores, para garantir a higienização dos alimentos nas fabricas. Almeida Machado acredita que uma conscientização dos produtores seja mais eficaz do que medidas de caráter público como, por exemplo, colocar alimentos estragados em um prédio e implodir - lo.

O Ministro afirmou que os médicos foram surpreendidos pelo avanço repentino da tecnologia e que não estão ainda preparados. Isso faz parte da crise mundial da medicina. "Muitos jovens recusam - se a trabalhar sem sofisticados aparelhos", disse o ministro, "mas existe uma grande massa que precisa ser atendida mesmo sem eles".

Dois assuntos muito polêmicos também foram tratados na conferência de sábado: o controle da natalidade e a proibição de determinados medicamentos fora de uso em outros países que continuam a ser vendidos no Brasil. "O governo está estudando todos os ângulos da questão", garantiu o ministro quanto ao controle da natalidade. Para ele, o grande risco de uma campanha em larga escala é atingir apenas a classe média e não a classe de menor poder aquisitivo, reduzindo assim o nascimento das crianças menos carentes. Acredita, entretanto, que a dimensão da família é uma decisão inalienável dos países.

A proibição dos remédios no Brasil não pode estar condicionada à mesma medida tomada nos Estados Unidos, quando são utilizados em outros países igualmente desenvolvidos. É essa a posição do Brasil, como explicou o ministro. "O Brasil só libera a venda de um produto depois de um ano de uso nos países de origem. Pode acontecer que eles não tenham um ano de uso nos Estados Unidos, quando são fabricados na Europa".